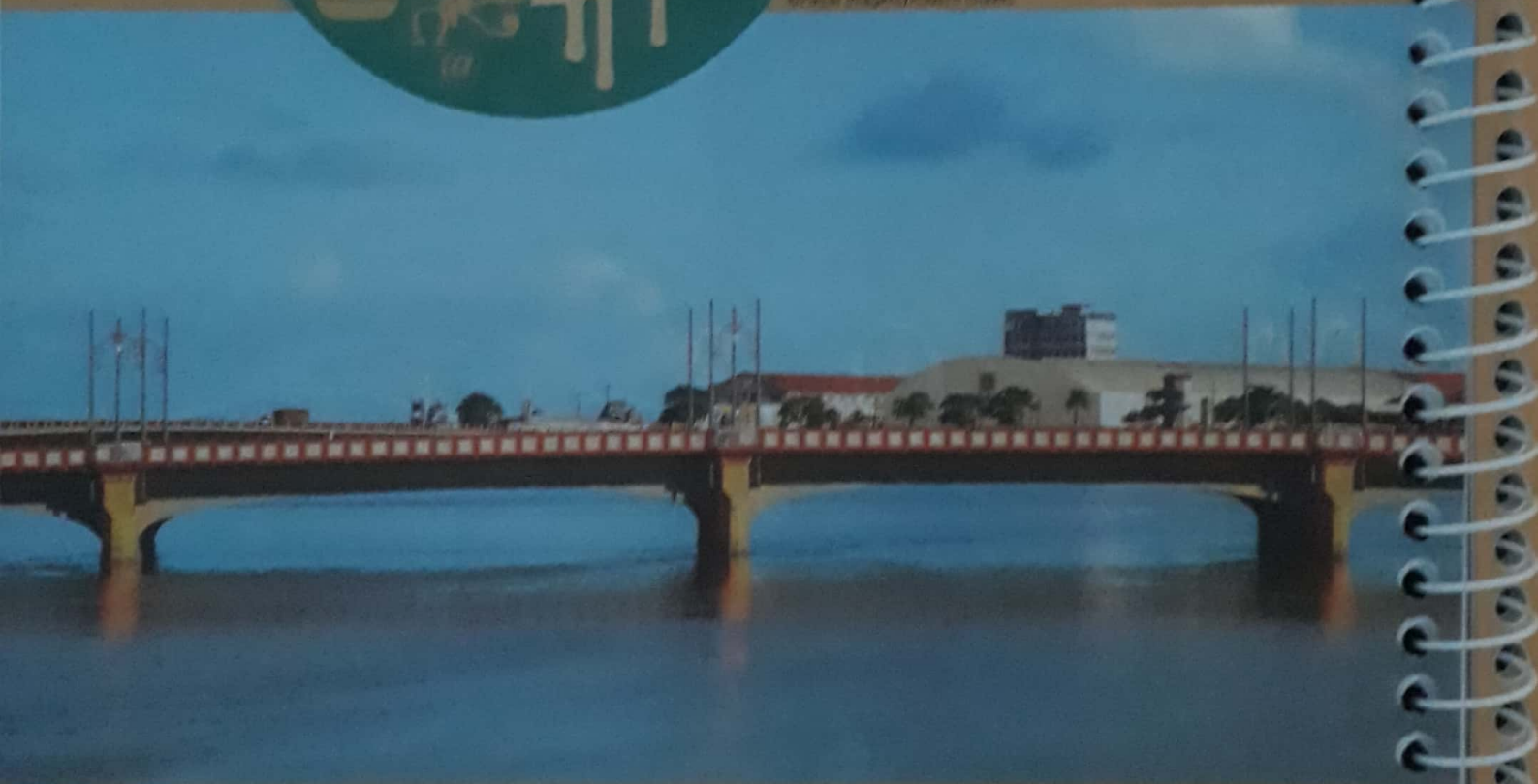


Chegada dos franceses e holandeses

13 | *capítulo*
A chegada dos franceses e holandeses
13 | *capítulo*



CHAVES, Rubens. *Ponte Maurício de Nassau em Recife*. 2007. 1 fotografia-color.

▶ A ponte Maurício de Nassau, até 1865, era chamada de Ponte do Recife. Inaugurada em 1644, é considerada a primeira ponte do Brasil.

No que você vai conhecer

- Franceses no Brasil Colônia
- Holandeses no Brasil Colônia
- Quilombos e a resistência africana à escravidão

A presença de franceses e holandeses no Brasil Colônia está relacionada à disputa por territórios e riquezas, que ditava o ritmo da expansão ultramarina europeia. Mesmo com o Tratado de Tordesilhas (1494), alguns Estados europeus continuaram a expansão na América. Você sabe o que determinava esse Tratado?

Nesse período, franceses e holandeses deixaram sua marca no território brasileiro. Na imagem desta página, é possível identificar algo associado à presença desses povos no Brasil?

13 | *capítulo*



Objetivos do capítulo

- Relacionar os conflitos e as interações entre os Estados europeus no processo de expansão marítima.
- Analisar as peculiaridades dos processos de ocupação do Brasil Colônia por franceses e holandeses.
- Identificar as principais características da França Antártica e da França Equinocial.
- Compreender a formação de quilombos como parte das estratégias de resistência dos escravizados no Brasil Colônia.



Organizando a história

Sugestão de sequência de conteúdos.

Explique por que outros Estados europeus buscaram instalar colônias na América, mesmo desrespeitando o Tratado de Tordesilhas.

A presença de ouro no Brasil e, depois, o cultivo da cana-de-açúcar geraram altos lucros à Metrópole portuguesa, atraindo a atenção

de outros Estados europeus para as riquezas descobertas no território brasileiro.

Franceses no Brasil Colônia

Muitas vezes, quando pensamos na colonização da América, temos a impressão de que o processo aconteceu sem conflitos. Entretanto, isso não corresponde à realidade. Todos os Estados europeus envolvidos na expansão marítima na América acabaram passando em algum momento por confrontos e disputas para consolidar seus territórios coloniais e seu poder. O processo de divisão do território americano levou tempo para ser consolidado.

No caso do Brasil, os franceses disputaram territórios e riquezas com Portugal desde o início da expansão ultramarina. Apesar da existência do Tratado de Tordesilhas, que dividia os territórios americanos entre a Coroa de Castela e o Reino de Portugal, os franceses investiram na implantação de colônias no lado português da América, gerando conflitos.

Em meados do século XVI, os confrontos se intensificaram. Em 1550, um grupo de franceses se fixou na região do atual estado do Rio de Janeiro e fundou uma colônia chamada França Antártica. Em 1557, chegaram colonos da França para habitar a nova colônia, muitos deles protestantes (os huguenotes) fugindo da perseguição religiosa imposta pelo rei francês Francisco I.

Os confrontos que ocorreram após a instalação da colônia foram marcados pela aliança entre franceses e indígenas do grupo dos Tamoio. Além de apoiar os franceses nos combates, os nativos ensinaram a geografia do território, bem como o uso e o cultivo de vegetais da região. Essa aliança foi denominada Confederação dos Tamoios. O motivo que levou os nativos a se aliar aos franceses foi o desejo de expulsar os portugueses, que buscavam escravizar os indígenas.

Com o apoio de uma armada vinda de Portugal, em 1560, os lusitanos atacaram a colônia francesa no Brasil. Durante essa ação, os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta tiveram um papel fundamental, pois influenciaram os indígenas a desfazer a aliança com os franceses e a não se opor às forças portuguesas.

Em 1565, uma expedição comandada por Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá (então governador-geral do Brasil), expulsou definitivamente os franceses da região da Baía de Guanabara. Assim, o domínio português foi restabelecido e, para concretizá-lo, Estácio de Sá fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Depois do fracasso da França Antártica, os franceses tentaram novamente uma ocupação. Em 1612, invadiram o Maranhão e fundaram na região o projeto da França Equinocial. Eles mantinham contato amistoso com os Tupinambá. A região do litoral do Maranhão era estratégica para os franceses, que interceptavam navios espanhóis carregados de metais preciosos em direção à Espanha.

A França Equinocial foi caracterizada pela exploração de pimenta, de canela, de madeiras nobres, além de outros produtos da região. Era uma colônia para a exploração de riquezas comandada pelo nobre francês Daniel de La Touche, que contava com o apoio da monarquia francesa. Na região, foi construído o forte Saint Louis (São Luís) em homenagem ao então rei da França, Luís XIII.

Os franceses ocuparam um território considerável, que ia do litoral do Maranhão ao norte do atual estado do Tocantins, até que, em 1615, a Coroa portuguesa organizou uma forte reação armada para expulsar os franceses da região.

4 Sugestão de abordagem do conteúdo

Daniel de La Touche foi um nobre europeu, general da Marinha francesa, que se dedicou ao processo de expansão ultramarina no século XVII. Assim como outros capitães envolvidos no processo, ele desfrutava da confiança do rei da França. Além da coragem necessária à atividade de exploração marítima, contava com habilidades militares e conhecimentos econômicos. Essas características eram semelhantes às de outros personagens que estiveram no Brasil cumprindo funções similares.



O busto de Daniel de La Touche, esculpido na primeira metade do século XX, está localizado em frente ao Palácio de La Ravardière, atual sede da Prefeitura de São Luís do Maranhão.

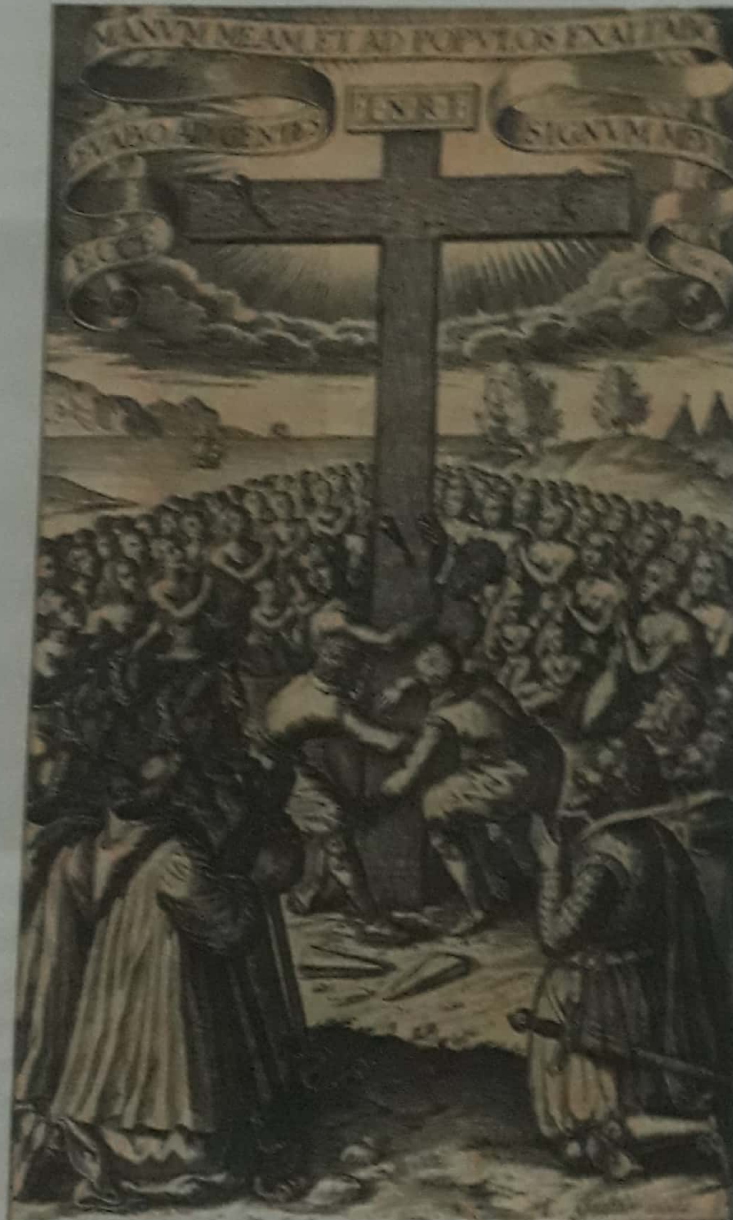
©Wikimedia Commons/Marcus Soares



interpretando documentos

A imagem a seguir faz parte da obra *História da missão dos padres capuchinhos na ilha de Maranhão*. Foi produzida pelo frei Claude d'Abbeville em 1614, que descreveu o processo de construção da França Equinocial.

Observe a imagem e responda às questões propostas.



GAULTIER, Leonard.
Elevação de uma cruz
para a bênção da ilha
do Maranhão. 1 gravura,
p&b. In: DARBEVILLE,
Claude. *História da missão
dos padres capuchinhos
na ilha de Maranhão*.
Paris: F. Huby, 1614, p. 90.
Biblioteca Nacional da
França, Paris.

- 1 Quais grupos sociais é possível identificar na cena?
- 2 Acima da cruz, há uma inscrição em latim: "Eis que levantarei a minha mão para as nações e **arvorare** o meu estandarte para alertar os povos". Como podemos relacionar essa frase com a colonização da América?

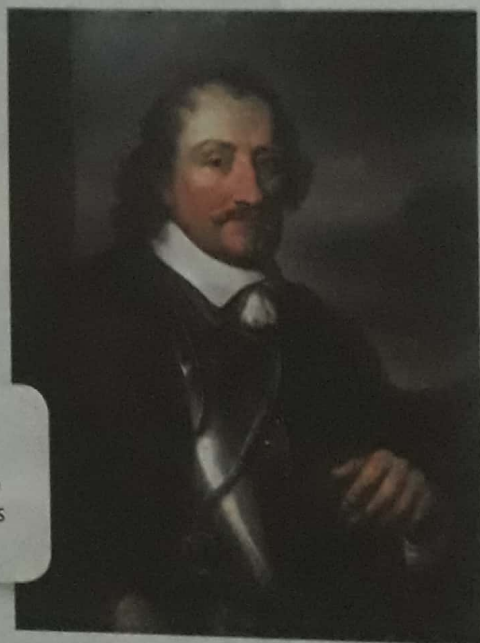
arvorare: hastearei, erguerei,
çarei.

Holandeses no Brasil Colônia

Em 1581, quando a Holanda declarou sua independência do Império de Habsburgo, que governava a Espanha, os tronos espanhol e português estavam unificados, durante a chamada União Ibérica (1580-1640). Os holandeses, então, não viam os portugueses como possíveis aliados, mas como parte do inimigo espanhol. Portanto, invadir suas terras não representava um problema diplomático.

Em 1630, um forte ataque dos holandeses à capitania de Pernambuco derrotou as forças locais, dando início à ocupação. A escolha da capitania não foi por acaso. Pernambuco vivia uma fase de prosperidade econômica, especialmente por causa da atividade açucareira. Além da intensa produção de açúcar, sua localização em relação à Europa e à África era privilegiada, reduzindo o tempo e os custos de exportação do produto e importação de escravizados.

Em razão das batalhas da invasão, muitos dos engenhos foram destruídos e abandonados e a população, em geral, estava assustada, acuada pelo clima de guerra. Nesse contexto, era necessário promover mudanças impactantes para que a economia local voltasse a crescer. Para alcançar esse objetivo, a liderança de Maurício de Nassau foi determinante.



RETRATO de Maurício de Nassau. [ca. 1650]. 1 óleo sobre tela. Museu do Prado, Madri.

Maurício de Nassau (1604-1679) foi um conde, militar e administrador holandês. Veio ao Brasil comandar a colônia holandesa em Pernambuco. Chegou a ser chamado de brasileiro graças à sua intensa atuação no país. Além de hábil nos assuntos econômicos, Nassau fez investimentos nas artes.

6 Sugestão de análise da citação.

Com o objetivo de recuperar a economia e ganhar credibilidade, Nassau mandou vender a crédito os engenhos abandonados pelos proprietários que tinham fugido para a Bahia; restabeleceu o tráfico de escravos para a região (os holandeses invadiram várias praças escravistas na África); forneceu crédito para a compra e equipamento das fábricas; saneou a crise de abastecimento obrigando os proprietários a plantar “o pão do país” – a mandioca – na proporção compatível com o número de seus escravos. Calvinista, o conde determinou a liberdade de religião, foi tolerante com os católicos e, segundo consta nos documentos, também com os chamados “criptojudeus”, os cristãos-novos que até então praticavam seu culto às escondidas.

SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 60.

Os holandeses consolidaram seu domínio sobre a região e começaram a construir estruturas para protegê-la de eventuais tentativas de retomada por parte de Portugal. Nesse período, a principal forma de defesa dos territórios eram as fortificações no litoral, já que os possíveis inimigos europeus viriam pelo mar.



Ilustração de uma engenho de açúcar, mostrando o processo de moagem da cana-de-açúcar para a produção de açúcar. (Fonte: Livro: História da Agricultura - Livro 1, 1940, Companhia Editora Nacional, São Paulo).

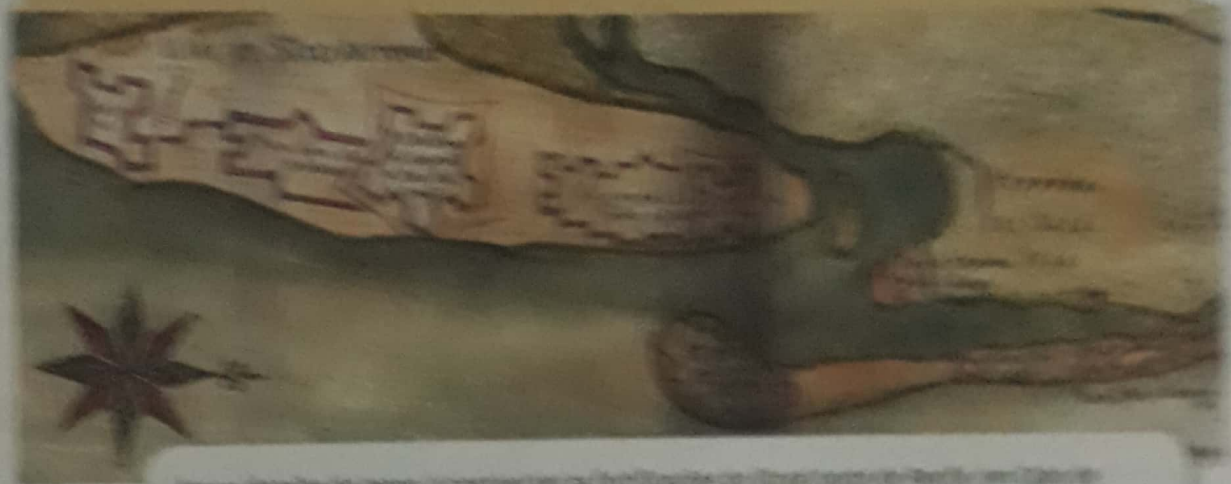


Ilustração de um engenho de açúcar, mostrando o processo de moagem da cana-de-açúcar para a produção de açúcar. (Fonte: Livro: História da Agricultura - Livro 1, 1940, Companhia Editora Nacional, São Paulo).

Devido à necessidade de mão de obra para os engenhos de açúcar, os portugueses começaram a trazer escravos da África para trabalhar nas fazendas.

Em 1500, os portugueses chegaram ao Brasil e estabeleceram engenhos de açúcar em Pernambuco, Bahia e Alagoas. O primeiro engenho de açúcar foi fundado em Pernambuco em 1534, por Duarte Coelho Pereira. A produção de açúcar tornou-se a principal atividade econômica do Brasil colonial.

O desenvolvimento do comércio açucareiro e o fortalecimento do sistema de engenhos levaram os portugueses a estabelecerem o comércio de açúcar com a Europa. Em 1500, os portugueses chegaram ao Brasil e estabeleceram engenhos de açúcar em Pernambuco, Bahia e Alagoas. O primeiro engenho de açúcar foi fundado em Pernambuco em 1534, por Duarte Coelho Pereira. A produção de açúcar tornou-se a principal atividade econômica do Brasil colonial.

Quilombos e a resistência africana à escravidão

O desenvolvimento social e econômico do Brasil Colônia foi possível graças à força do trabalho escravo africano. À medida que a produção do açúcar crescia e novas atividades econômicas se intensificavam, o tráfico negreiro se expandia pelo Atlântico.

Durante o século XVII, navios com a bandeira portuguesa desembarcaram um número significativo de escravizados em várias partes do mundo. A tabela a seguir apresenta essa quantidade. ⁹ Sugestão de análise da tabela.

NÚMERO DE ESCRAVIZADOS AFRICANOS DESEMBARCADOS (1601-1700)		
Período	Total de escravizados africanos desembarcados no mundo	Total de escravizados desembarcados no Brasil
1601-1625	274.830	156.468
1626-1650	252.876	163.938
1651-1675	400.281	204.575
1676-1700	594.689	259.475
Total	1.522.676	784.456

TABELA do desembarque de escravizados africanos no mundo entre 1601-1700. *Slave Voyages*. Disponível em: <<https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>>. Acesso em: 8 nov. 2019.

A economia da Colônia estava concentrada na Região do Nordeste brasileiro. Estima-se que mais da metade dos escravizados traficados por navios portugueses no período tiveram como destino as capitanias da Bahia e de Pernambuco. Isso tornava a região um centro de crescimento econômico e abrangia uma das maiores populações africanas fora da África.

Apesar do grande número de africanos, o uso da violência e a ausência de locais para migrar foram fatores que garantiram a continuidade da exploração do trabalho escravo. Leia o trecho a seguir para entender melhor o complexo sistema de escravidão no Brasil.

A escravidão, como sabemos, não terminava nas porteiras de nenhuma fazenda em particular, mas fazia parte da lei geral da propriedade e, em termos amplos, da ordem socialmente aceita. Mais que os nem sempre competentes, ou mesmo **laboriosos**, capitães-do-mato – como provam as repetidas queixas de usuários –, o grande obstáculo às fugas era a própria sociedade escravista, sua forma de ser e de estar, sua percepção da realidade, seus valores [...].

laboriosos: trabalhadores, esforçados.

REIS, João J.; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 66. Grifos nossos.

Por ser um território amplo e pouco ocupado, foi necessário criar uma série de mecanismos para garantir que os escravizados trabalhassem intensamente e para impedir sua fuga. Apesar da repressão e do controle por parte dos senhores, os escravizados desenvolviam as próprias estratégias de resistência no cotidiano, principalmente com a fuga e a formação de quilombos.

Os quilombos eram espaços de habitação e convivência construídos por escravizados fugidos. Nesses territórios, africanos e afrodescendentes garantiam sua subsistência por meio da agricultura e preservavam suas tradições. Cada quilombo funcionava de maneira própria. Em geral, contavam com lavouras para a produção de excedente a ser comercializado, práticas de artesanato e fabricação de armamentos para defesa.

No século XVIII, com o deslocamento da ocupação colonial para o interior provocado pela mineração, quilombos também passaram a ser formados nas áreas dos atuais estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Após a abolição da escravidão, a maior parte dos moradores dos quilombos continuou vivendo e trabalhando na mesma terra. Com o tempo, começaram a lutar pela legalização da posse dessas terras e, desde a Constituição brasileira de 1988, muitas delas já são consideradas propriedades de seus moradores.

O § 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, reserva à Fundação Cultural Palmares a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas. Desde essa data, foram emitidas 3.271 certificações. O documento, além de reconhecer os direitos dessas comunidades, dá acesso aos programas sociais do governo federal.

Alguns quilombos foram incorporados às cidades, outros existem até a atualidade, isolados dos centros urbanos. Na maioria deles, persiste a preocupação com a preservação das culturas africanas e afrodescendentes, transmitidas às novas gerações nas escolas e por meio das histórias contadas pelos mais velhos.